

Vol 6 Issue 12 Sept 2017

ISSN No : 2249-894X

---

*Monthly Multidisciplinary  
Research Journal*

*Review Of  
Research Journal*

Chief Editors

---

**Ashok Yakkaldevi**  
A R Burla College, India

**Ecaterina Patrascu**  
Spiru Haret University, Bucharest

**Kamani Perera**  
Regional Centre For Strategic Studies,  
Sri Lanka

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

### Regional Editor

Dr. T. Manichander

### Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinte Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [ M.S. ]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....



## IDENTIDADE CULTURAL, IDENTIDADE ÉTNICA E OS PROCESSOS DE TERRITORIALIDADE NO ALTO E MÉDIO RIO NEGRO

Ronald Rosa de Lima<sup>1</sup> and Claudio Nahum Alves<sup>2</sup>

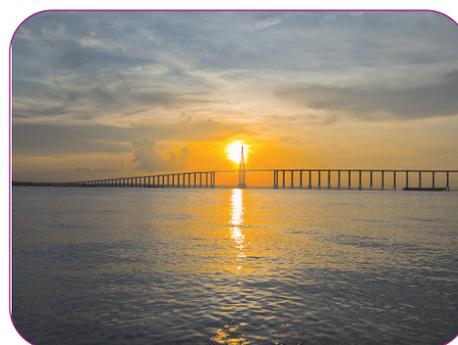
Pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Ciência e Meio Ambiente – PPGCMA (UFPA), Estado do Pará, Brasil.

<sup>1</sup>Mestrando em Ciências e Meio Ambiente (UFPA)

<sup>2</sup>Professor Doutor Claudio Nahum Alves -Programa de Pós-graduação em Ciência e Meio Ambiente (UFPA)

### ABSTRACT

**T**he present work analyzed the identity processes and the multiculturalism of the populations of the upper and middle Rio Negro accompanied by the experiences of their historical progress, sacred myths and reports of experiences acquired in the region. With the passing of the facts, the importance of respect for lands possessing sacred sites and the preservation of traditional cults in the course of time was confirmed, confirming the importance of the bond of man to the earth through the fine tuning of the natural and the sacred Leaving latent the necessary condition of the process of territoriality and national identity.



**KEYWORDS:** Identity. Rio Negro. Territoriality.

### INTRODUÇÃO

Os conceitos de identidade étnica e cultural estão latentes nas diversas comunidades indígenas no alto rio Negro. Entende-se que os processos culturais estão em constantes mudanças devido as diversas formas de relacionamento. Acredita-se que a identidade relacional não se produz em um grupo cultural isolado, e sim, nas constantes interações ocorridas entre os diversos grupos que compõem determinada comunidade. " Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução" (Cuche 1996, p.137)

Tal experiência nos leva a investigar o conceito identitário, uma vez que a proposta é efetuar a participação da pesquisa ação juntamente com membros da família.

No ano de 2005, data em que cheguei à São Gabriel da Cachoeira-AM, por motivo de transferência por necessidade de serviço do Exército Brasileiro, procurei junto com minha família adaptar-me as características socioculturais da região, meus filhos Ítalo (6 anos), Breno (3 anos) e Roberto (1 ano), foram matriculados nas escolas indígenas da cidade e logo estabeleceram saudável convívio com seus novos colegas de sala de aula. No decorrer do ano participamos de vários eventos sociais na cidade entre eles o FESTRIBAL, atividade cultural em que duas agremiações indígenas distintas fazem suas apresentações contando parte de suas histórias através das danças, alegorias e expressões corporais. Fato tocante é que meus filhos por influência dos amigos quiseram também participar do evento e prontamente fui até a administração da agremiação que representava a etnia BARÉ e solicitei autorização para que eles participassem dos ensaios. As crianças aprenderam a dançar, a fazer as coreografias e participaram da apresentação oficial em oposição à agremiação TUKANO.

Após as festas meus filhos sentiam-se orgulhosos em dizer que participaram da festa que melhor representava as origens indígenas da região. E quando eu perguntava para meu filho Roberto o que ele era? Ele respondia : " Pai eu sou Baré ". Isso me despertou a ideia de identidade étnica, pois meus filhos (cariocas) quando

apresentados a uma outra cultura com características identitárias diferentes, absorveram e a aceitaram. Fizeram parte daquele processo cultural relativo aquele grupo étnico. Em contra partida ao conversar com alguns adolescentes na antiga Escola Agrotécnica Federal - campus – São Gabriel da Cachoeira e até mesmo com alguns soldados no quartel, percebi que alguns adolescentes sentiam-se envergonhados de se identificarem como indígena, o que me fez refletir sobre o assunto e tentar buscar através pesquisa a compreensão desta (des) construção identitária por parte destes jovens nessa linha tênue entre identidade nacional e identidade étnica.

Pra melhor elucidar os fatos procurei conversar com os soldados que comigo trabalhavam e com os demais jovens que fiz contato no aquartelamento e nas várias comunidades indígenas que tive a oportunidade de visitar, a fim de buscar um entendimento no que significa para eles “ser indígena” no passado e no presente.

Trabalhei na 21 Cia EngCnst, quartel responsável por realizar todas as obras de infra-estrutura no alto e médio rio Negro, e por ser a única brigada militar da região depois de Manaus, a guarnição recebia jovens conscritos de toda região da “Cabeça do Cachorro”, municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira, ou seja, notoriamente os quartéis da brigada e a Escola Agrotécnica Federal recebiam jovens indígenas das 23 etnias que ocupavam a região Noroeste do país.

De certa forma pude perceber que os indígenas que moravam mais no interior, traziam ainda a forte marca dos efeitos de seus ancestrais, porém os jovens radicados nas capitais e proximidades não fizeram questão de exaltar os feitos de seu povo, deixando este pensamento de glória de seus antepassados para segundo plano. Este fato também ocorreu com alunos do PROGRAMA SEGUNDO TEMPO, desenvolvido nas regiões de fronteira, quando perguntávamos aos alunos sobre suas características identitárias, seu povo, suas tradições. Por se tratar de um programa social onde utiliza-se o esporte como elo entre a educação ambiental e as relações interpessoais, criou-se um entendimento que o desenvolvimento humano é construído junto com as intervenções pedagógicas, através de atividades que identifiquem e explorem os valores do ser.

*Os programas de esporte devem valorizar a auto-estima, visando o fortalecimento do espírito patriótico e da identidade nacional, reforçando os princípios necessários para o desenvolvimento da nação e da paz. A solidariedade, a cooperação, o espírito coletivo, a luta pelos ideais e o respeito as regras, entre outros valores vivenciados no cotidiano da prática esportiva, também são necessários para a convivência harmoniosa e o fortalecimento da autodeterminação de um povo (BRASIL, 2005, p. 131).*

## IDENTIDADE CULTURAL

Discutir identidade cultural nos leva a concepção sobre reflexões propostas neste trabalho utilizando contribuições teóricas que nos nortearão através de uma visão epistemológica sobre o conceito identitário. O processo de globalização nos possibilitou estabelecer várias relações com grupos que em outros momentos da história eram ditos isolados. Entende-se que os assuntos relacionados a identidade não eram considerados prioridades no campo sociológico. Bauman entende que “não estava nem perto de nosso centro de debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica” (BAUMAN, 2005, P.23 ). Hoje em dia esse assunto tem sido primordial para que os coordenadores do PROGRAMA SEGUNDO TEMPO, possam entender as múltiplas relações existentes entre os alunos que compõe os destacamentos fronteiriços nos limites Norte e Noroeste do país. Castells (2001) em A era da informação: Economia, sociedade e cultura, deixa clara a questão das identidades quando argumenta a respeito das sociedades em rede. (GIDDENS, 2002, P. 37) comenta sobre “a reflexividade da modernidade que se estende ao núcleo do eu”, fazendo alusão a perspectiva da identidade pessoal, do estado psíquico das identidades e suas subjetividades.

Há autores que trabalham a ideia de identidade coletiva como sendo uma forma de conjunto de significados partilhados oriundos de identificadores regionais e nacionais. Hall entende que existam outras identidades que criam “quadros de referências e sentidos estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes de nossa história real” (HALL, 1996, p.68).

Woodward (2000, p.15) entende que há uma relação entre o subjetivo e o coletivo, alegando que exista uma interdependência em sua função social. Ele entende que não há uma dicotomia entre identidade cultural específica pois esta encontra-se embricada na identidade pessoal.

Escosteguy, ao realizar pesquisas que tratam sobre raça, etnicidade e discussão sobre o moderno,

argumenta que:

*Essa perspectiva [a da identidade cultural] passa a ser evidente, sobretudo como resultado da influência de reflexões em torno de temas como identidade e cultura nacional, raça, etnia, gênero, modernidade/pós-modernidade, globalização, pós-colonialismo, entre os mais importantes, dentro do aspecto dos estudos culturais. (ESCOSTEGUY, 2001 p. 139).*

Entende-se por identidade cultural as diversas formas de manifestações interpessoais em que são levados em consideração os patrimônios culturais, sociais, e símbolos históricos cuja finalidade é estabelecer valores comuns entre membros da sociedade. Porém a que se aceitar que tal conceito é de características mutáveis devido a sua imensa complexibilidade devido as culturas múltiplas existentes. No entanto podemos perceber que dentro deste universo identitário percebemos a construção da identidade nas mais variadas manifestações socioculturais dentro de cada núcleo. Mas para podermos compreender a essência. Como demonstra Hall, ao entender que a identidade é um conceito que brota de um problema. (Hall, 2002, p.9)

Tratando-se de identidade cultural, entende-se que o moderno possa conviver com o tradicional, assim como as sociedades e comunidades como um todo. É compreender que tal mudança faz parte do cotidiano do agente social. O fato de praticar novos hábitos, não implica a anulação dos costumes antigos deixados pelos ancestrais, em contrapartida da não aceitação desta nova realidade, há de se fazer um misto em que o conhecimento tradicional possa ser resgatado e ou preservado devido a utilização de métodos tecnológicos atuais. Brunner, entende que na leitura entre o moderno e o tradicional “coexistem como princípios antagônicos das modalidades culturais, umas em extinção e outras em perpétua renovação. (BRUNNER 1991, p.25)

Hall (2003) cita em seu texto a contribuição de Gramsci para os estudos de raça e etnia, datado de 1995, pois Stuart Hall a partir de sua própria experiência como migrante, pode fazer uma análise mais aprofundada sobre raça e posteriormente ampliar os horizontes para a discussão sobre fatores relacionados a etnia.

Várias formas de ver e entender o mundo nos dá a oportunidade de observarmos a identidade cultural sobre possíveis prismas: Hall conceitua que uma vertente mostra uma “cultura partilhada” que congrega os sujeitos sobre as mesmas formas de identificação com “quadro de referência e sentidos estáveis, contínuos e imutáveis por sob as divisões cambiantes e as vicissitudes da nossa história real” (HALL, 1996 p.68).

Hall, entende que este contexto do exercício identitário, existe a necessidade de coesão e até mesmo resistência no que diz respeito as identidades nacionais. Assim como o surgimento de movimentos sociais, étnicos, de gêneros e outros. Todos de alguma forma buscando intensificar os reais motivos de sua existência. Cito: Movimento Negro, quilombola, indígena e outros.

Levando-se em conta os fatores múltiplos e abstratos que definem identidade cultural, Hall entende que.,

*As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior do discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa “lei de origem” sem problemas, transcendental (HALL, 1996 p.70)*

O chileno Jorge Larrain, diretor do Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS) da universidade de Birmingham, no Reino Unido, local onde foram realizados os primeiros estudos culturais britânicos, entende que além do construtivismo e do essencialismo existe um terceiro fator identitário: O fator histórico-estrutural.

Sob o ponto de vista que o construtivismo visa a montagem discursiva do caráter identitário, conseqüentemente promove sua disponibilização para qualquer mudança de identidade. Já o essencialismo possui uma postura mais reservada em relação a cultura, preservando a construção do passado com uma essência de caráter imutável.

No entanto o posicionamento histórico-cultural, proposto por Larrain, “deseja estabelecer um equilíbrio entre as posições anteriores”. (LARRAIN, 2003 p. 40) entende que a identidade está em construção constante assim como acredita que a identidade pode ser vista como um processo de discussão pública realizada entre os agentes sociais de interação recíproca.

Um outro aspecto importante é a relação entre identidade e cultura. Denis Cuche, em seu entendimento argumenta que a cultura pode existir sem a consciência de identidade (CUCHE, 1999 p. 179). No entanto a

identidade cultural, não se sustenta sem um sistema cultural. Acredita-se que a identidade cultural se ampara por normas ao passo que a cultura é tida como um processo inconsciente.

*Há uma estreita relação entre a concepção que se faz de cultura a concepção que se tem de identidade cultural. Aqueles que integram a cultura como uma “segunda natureza” que recebemos de herança e da qual não podemos escapar, concebem a identidade com um dado que definiria de uma vez por todas o indivíduo e que o marcaria de maneira quase indelével. (...) Em outra abordagem culturalista, a ênfase não é colocada sobre a herança biológica, não mais considerada como determinante, mas na herança cultural, ligada a socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural (CUCHE, 1999 p. 179).*

Zygmunt Bauman, em *Modernidade Líquida*, entende que possa haver uma flexibilidade entre as concepções identitárias e que a fixação do agente social em só um modelo pode as vezes, causar uma sensação de desconforto e “mal estar”.

*O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente “nem-um-nem-outro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais mal visto (BAUMAN, 2005 p. 35)*

Observando os alunos do Programa Segundo Tempo, pude perceber que os integrantes sediados na sede de Manaus não comentavam sobre a história de seu povo ou até mesmo suas origens, assim com as conquistas realizadas no baixo amazonas em virtude dos movimentos revolucionários e os de resistência das populações tradicionais que aqui habitavam. Entende-se que a percepção construtivista de identidade cultural encontra-se a disposição da grande mídia que de certa forma influenciam os adolescentes que por vezes se desinteressam em resgatar os feitos realizados por seus ancestrais. Nesta concepção acredita-se que o processo de globalização pode ser um motivo de comercialização e perda do processo construtivista identitário.

Douglas Keller, em seu estudo sobre *Cultura da Mídia*, cita que:

*É assim que a propaganda, a moda, o consumo a televisão e a cultura da mídia estão constantemente desestabilizando a identidade e contribuindo para produzir outras mais instáveis, fluídas, mutáveis e variáveis no cenário contemporâneo. No entanto, também vemos em funcionamento os implacáveis processos de mercadorização. A segmentação do mercado em diversas campanhas e apelos publicitários reduz e intensifica a fragmentação, desestabilizando as identidades às quais os novos produtos e as novas identificações estão tentando devolver estabilidade (KELLNER, 2001 p. 329).*

## AMAZÔNIDA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE

A origem do homem na Amazônia durante muito tempo foi alvo de perguntas e especulações, após estudos entende-se que sua permanência na região foi concebida através de um fluxo migratório decorrente dos movimentos das marés, possibilitando a passagem pelo Estreito de Behring a partir da Sibéria, no período da Era Glacial (FREIRE et al, 2008). A partir desse movimento migratório as diversas culturas se espalharam pela Amazônia legal dando origem a essa diversidade cultural dentro da mesma macroregião.

*Quanto à ocupação da Amazônia brasileira, antes da chegada dos europeus, existem várias hipóteses dando conta de diferentes ondas de migrações, apesar das dificuldades encontradas pela pesquisa arqueológica. A Amazônia é muito grande e os pesquisadores são poucos. A própria floresta, com sua densa cobertura vegetal, dificulta a localização dos vestígios arqueológicos. Além disto, os materiais fabricados com madeira, ossos e palha não resistem a acidez do solo e a umidade da floresta tropical (FREIRE et al, 2008 p 14).*

De acordo com o senso do IBGE 2010, a população indígena era 817.963 pessoas que se identificavam como indígenas. Para Lima (2016) a ocupação humana na Amazônia pode ser datada de 11 mil anos, onde seus habitantes adotavam métodos de caça e pesca padronizados afim de não haver o esgotamento do recurso e que se mantivesse o equilíbrio ecológico.

Bessa Freire (2008) em sua obra entende que as populações indígenas conheciam os ciclos das águas além de terem o rio como sua principal fonte de sobrevivência, utilizavam as técnicas de subsistência no manejo do solo, na agricultura e armazenamento de alimentos sendo assim um exemplo de organização e administração em prol da comunidade desmistificando a ideia de alguns historiadores tinham sobre a população amazônica ser tida como um grupo de caçadores e coletores. Acredita-se que o sucesso da abundância de alimentos e o estado de preservação da região amazônica é oriundo das técnicas agrícolas adotadas pelos indígenas que segundo os arqueólogos datam de 9.000 anos antes de Cristo.

Um fator relevante ao processo de identidade é o entendimento que cada grupo social possui sobre sua existência, tal relato é fundamental para que se tenha um alicerce para cada um definir o seu Eu. Dentro dos grupos de alunos do Programa Segundo Tempo há uma grande variedade de etnia, pois compartilhamos saberes diários com alunos dos núcleos de Manaus, São Gabriel da Cachoeira e os pelotões de fronteira do estado de Roraima. Dentre as vinte e três etnias presentes, todos possuem o entendimento de seu papel social em relação a natureza.

(Lima, 2016) em sua dissertação, descreve através de relatos de alunos estudantes do IFAM SGC seus entendimentos sobre a origem de cada grupo social no planeta terra, as respectivas relações de identidade e o processo da ocupação humana.

#### a) O Mito da Cobra- Canoa ou Canoa da transformação (etnia Tucano)

“Antigamente não existiam os seres humanos, nem a terra, mas já existia um ser que os indígenas consideravam como um Ser Supremo. O nome dele era UmukohóYêhku. Ele foi o responsável pela criação da Ye’páMahsô, que por sua vez tem a missão de criar o mundo e os seres humanos. Entretanto ela criou apenas o mundo Quando criou a Terra ela viu que seria bom criar alguém que habitasse nela, sendo assim, criou dois seres que vão auxiliar na criação da humanidade, são eles UmukohóMashu (ancestral dos Desana) e Ye’paMahsu (ancestral dos Tukano). Eles auxiliaram na criação dos demais seres e da terra. Para isso teve a ajuda de Pa’muri-Yuhkusu (Canoa da transformação), que na verdade era uma cobra grande. Su’Riayeki precisava da ajuda de Pa’muri-Yuhkusu para transportar os humanos para a terra. Após criados os homens ficaram em um lugar místico. O nome desses humanos recém criados era Pa’muri-mahsã que quer dizer “gente da transformação”.

Após todos os humanos terem embarcado a viagem começou. A embarcação veio do Leste para o Oeste. No caminho iam descendo seres encantados e executando tarefas e iam ficando pelo caminho. Quem conduziu a viagem foi UmukohóMashu e Ye’paMahsu Todas essas tarefas executadas por eles foram muito importantes pois ajudaram no desenvolvimento físico e espiritual do homem que estava por nascer

Depois de muito tempo de viagem eles chegam até um lugar chamado Pamuripe’e no rio Uaupés, onde os humanos tiveram sua transformação final tornando-se humanos de fato como conhecemos hoje. A partir daí os humanos passaram a desembarcar em um único lugar esses eram os ancestrais das tribos. Cada ancestral recebeu um lugar onde podiam aperfeiçoar tudo o que aprenderam durante a viagem e assim deixar uma herança para as gerações que viriam. A viagem continua pelos afluentes do Uaupés e rio Tiquié cruzando todo continente sulamericano e deixando todos os povos indígenas da região.

Chega ao fim a viagem do Barco da transformação e dos Pa’muri-mahsã – gente da transformação. Após cumprida a missão, os seres sagrados e a Canoa da Transformação sobem para o céu.

(Prof. Joscival Vasconcelos Reis - Etnia Tukano – autodenominada Ye’pa-mahsã)

#### b) O Mito de criação do povo Yanomami- Periporiwe.

“PeriporiwëiyëpëhamitëpëYanomamikuprarioma.”

Periporiwënitëpëkãiperioxomaoma. Periporiwë a kupropuhioyaro, peia pata kuoximakaoma, pei ano pata kiriprovpuhioyaro. Periporiwënikamaepëkãimapëirani, pëihirupiwatikoroma, pëkãiperiototihitaomotama. Suhirinania Periporiwë a taprai puhioyaro yãtônãhi pariha a hiriketayoma, wetinitëpëriiikimãixoatiwëkëkëkë. Suhirinani a Peripori wë nokahekoutararini kamae pëpëriope hapëkõaimihurayomapeiariãpatahaniapirani, a himoukukereroma, a nopë pata xoarani, epëãhuonotama, Uhutimãriwëximahutoprariorama, pei ária patahaniapirani, te nopë pata hupirayoma. Uhutimãriei

Suhirinakipihaaheteparunihätōnahiparikihatēno pata kiriowēmaitēno pata kirioma, Suhirinani a Uhutimāriwëximikema, Uhutimāriweni a pehi pata niaaikukema, a pata tihëraikukema, pei a posi pata xirōwaaprama, ihārekino pata xomixerekawatëkema, kuaaitietiSuhirinanixereka a waihotatiyaipërëtaoma, kuaaitiehëPeriporiwëtëwaimanaxiatarohërima, kuaaitietieãUhutimāriwëhama a tokuawaikihe e kuma, Suhirinani a xerekatereniahatotarinipeiamori pata rukëitëhë te amokipëtapipata ti hetipramarema, tã pata hamaperipori ! te pata kuma, kuaaitietitëiyëpëpatahirkoupãxihiokema, kuaaitietiihamiretëkiãpata Yanomamipëaaxoaohërima, ihiretëpë pata Yanomami peno Suhirinawatëpreremahe. PeriporiwëiyepëhamitëpëYanomamikuprarioma.

“Os Yanomamis são filhos do sangue da lua”

“No começo Periporiwë era o criador de tudo. Mas ele sofre transformação e vira um monstro. O povo que vivia com Periporiwë começa a ser assassinado e ninguém sabe quem é o assassino. Um menino é morto e quando seu pai o encontra sem vida o crema. O povo de tristeza deixa o lugar. Suhirina quer descobrir quem é o assassino e se esconde para descobrir quem está matando o povo. Com o nascer do dia aparece Periporiwë no lugar onde o menino foi cremado. Periporiwë assume que está matando seu próprio povo. Suhirina ouve e admirado com aquilo vai chamar o povo para matar Periporiwë. O povo de tristeza não quis voltar. Uhutimāriwë foi o único a responder ao chamado de Suhirina para caçar Periporiwë. Uhutimāriwë não teve coragem de enfrentar Periporiwë. Suhirina ordena que Uhutimāriwë ataque mas esse falha (Panema). Periporiwë estava fugindo devagar para sua casa no céu. Suhirina (Maripuarã) com uma única flecha atinge o coração do monstro. Periporiwë grita: PERIPORI! Quando ele grita seu sangue cai no chão e dele surgem pessoas que gritavam e lutavam. Nessa confusão Suhirina e Uhutimāriwë morrem. Do sangue derramado nasce o povo Yanomami. O Povo Yanomami é filho do sangue de Periporiwë (a Lua)”.

Aluno Sarney Barbosa Góes Licenciatura Intercultural em Física IFAM CSGC - etnia Yanomami

A idéia abordada nos leva a refletir a questão do homem como ser mítico cujos valores morais e identitários são de grande valia para a preservação das crenças e costumes entendendo-se que há a possibilidade de construção de novos valores mas sem deixar de reconhecer a existência de sua essência.

## MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA - CABANAGEM

A região amazônica foi marcada como área de grandes movimentos de resistências onde sua população tradicional participou bravamente dos conflitos em virtude da independência e soberania da região. Entre os conflitos revoltosos pode-se elencar a Revolta da Cabanagem como principal acontecimento revolucionário ocorrido na Amazônia. O corrido no período do Brasil Regencial, vista por muitos como um movimento superficial, foi considerado como o ponto marcante no contexto histórico-cultural da Amazônia tendo em vista o grande prejuízo devido a grande quantidade de baixas humanas. Vista como uma rebelião de cunho regional, a Cabanagem foi o fim de uma Era na Amazônia (Lima, 2016).

Ricci (2006) entende que a Revolta da Cabanagem foi um marco demasiadamente importante na vida e na (re)construção da identidade amazônica.

*A revolução social dos cabanos que explodiu em Belém do Pará, em 1835, deixou mais de 30 mil mortos e uma população local que só voltou a crescer significativamente em 1860. Este movimento matou mestiços, índios e africanos pobres ou escravos, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia (RICCI, 2006p.6).*

A elite agrária à época, desejava o rompimento com a metrópole e com isso contou com o apoio populacional, porém com a Proclamação da Independência a situação torna-se mais tensa, no entanto o movimento de resistência perdeu entre 1835 à 1840.

*“É nessa situação que a armada nacional encontra o Grão-Pará e exige a adesão da Província à independência, que foi proclamada em Belém, a 15 de agosto, e, na Capitania do Rio Negro a 22 de novembro de 1823.[...] este é o momento em que as forças políticas da Amazônia Lusitana começam a perder terreno para as forças políticas da Amazônia brasileira [...]” (SILVA, 2012 p.202).*

A população Cabana reorganizada, consegue reconquistar Belém, porém em 1836, sofreu derrota na

capital. Este movimento de resistência durou até 1840, quando tropas regenciais venceram os revoltosos e finalmente retomaram o Pará de forma definitiva. Este foi um marco na história das resistências em que a população composta por homens da Amazônia tomaram o poder por tempo determinado de toda uma província (Lima, 2016).

Magda Ricci, entende que:

*Contrastando com este cenário amplo, a cabanagem normalmente foi, e ainda é, analisada como mais um movimento regional, típico do período regencial do Império do Brasil. No entanto, os cabanos e suas lideranças vislumbravam outras perspectivas políticas e sociais. Eles se autodenominavam de "patriotas", mas ser patriota não era necessariamente sinônimo de ser brasileiro. Este sentimento fazia surgir no interior da Amazônia uma identidade comum entre os povos e etnias culturais diferentes. Indígenas, negros de origem africanas e mestiços perceberam lutas e problemas em comum. Essa identidade se assentava no ódio ao mandonismo branco e português na luta por direitos e liberdades (RICCI, 2006 p. 6).*

Outro ator de grande influência neste contexto histórico em que os movimentos de resistências tornaram-se um ponto de referência identitário da população amazônica, foi a postura guerreira da população Mura. Considerados como guerreiros valentes, posicionando-se contra a tentativa de domínio colonial, travavam imensas batalhas em nome de suas terras, seu povo e preservação de sua identidade cultural.

*Os índios Mura ficaram conhecidos na bibliografia etnográfica como corsários do caminho fluvial. Viviam em suas próprias canoas, como se fossem suas casas, e se destacavam na resistência à ocupação pelos não índios. Sua imagem é marcada por traços guerreiros, destemidos, conhecedores de táticas sui generis de ataque e de emboscada, o que atemorizava e lhes concedia uma enorme fama de "perigosos", principalmente nos idos dos séculos XVII à XIX, quando impediram, por sua presença e força física, o avanço das missões, do comércio português, e das ações de cunho militar na Amazônia, especialmente na região compreendida pelos municípios de Autazes, Itacoatiara, Careiro da Várzea, Careiro do Castanho, Borba e Manicoré, Estado Amazonas (PEQUENO, 2006 P. 134).*

No auge da Cabanagem os Mura lutaram ao lado dos revoltosos, brancos, negros e mestiços "[...] A revolta da Cabanagem aterrorizou os setores dominantes da Amazônia em cinco anos de luta, que ao se findar resultou na morte de 30.000 pessoas, o equivalente a 1/5 do total de habitantes da província do Amazonas [...]" (HEMMING, 1978, PEQUENO, 2006) in (LIMA, 2016)

## CONCLUSÃO

Os efeitos dessas revoltas podem definir a transformação na identidade étnica desse povo, porém entende-se que as populações tradicionais contam estes episódios a seus descendentes com extra tristeza em função das inúmeras mortes de seus entes queridos, mas no fundo do peito ainda exala o orgulho de ser um MURA.

Os povos indígenas vem sofrendo e lutando para conseguirem manter suas terras e territórios desde o período da colonização até os dias atuais. De acordo com o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), as populações indígenas tiveram uma grande redução em virtude da existência de inúmeros conflitos com o Governo e particulares na luta pela posse da terra. De acordo com o IBGE 2010 a população rural indígena constava de 502.783 habitantes e a urbana 315.180 habitantes, cabendo somente a região norte do país um montante de 342,8 mil habitantes, quantidade expressiva e irrefutável observância da influência indígena na região.

Tomando por base o avanço das políticas públicas de estado, o avanço do agro negócio, instalação de usinas hidrelétricas, garimpo ilegal e outros... Fizeram com que o processo de "globalização" tenha influenciado de forma contundente na formação identitária dos povos indígenas, uma vez que a relação homem e natureza é bem restrita nestas culturas. Instituições não governamentais, vem enveredando esforços para que não se permita a separação das terras indígenas afim de que não se propague a (des)caracterização cultural daqueles povos.

Os processos identitários nos remonta a ideia da necessidade de cada grupo social saber a sua importância dentro da coletividade. As experiências colidas por seus antepassados, a preservação da língua, os sítios sagrados e todo o bioma que o cerca fornecem alicerces para constatação do seu EU como agente social

servindo como ponte entre as presentes, passadas e futuras gerações.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BESSA FREIRE, José Ribamar et AL. A Amazônia Colonial (1616-1798). BK. Editora. Manaus. 2008.
- BRASIL, Programa Segundo Tempo: ação de fundamentos de núcleos. Brasília: Ministério dos Esportes, 2006.
- BRUNNER, José Joaquim. Cartografias de la Modernidad. Santiago Chile: Dolmen Ediciones, 1991.
- CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. Vol. I: Sociedade em Rede. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. 5ª ed. São Paulo: Edit. Paz e Terra, 2001. p.24
- CUCHE, Denis. A noção de cultura nas ciências sociais. São Paulo: EDUSC, 1999.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latino-americana. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.
- GIDDENS, Antony. Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro – 7ª edição. Editora DP&A. São Paulo, 2002.
- KELLNER, Douglas. A Cultura da Mídia. São Paulo: EDUSC, 2001.
- LARRAIN, Jorge. Identity and Modernity in Latin América. Cambridge: Politypress, 2000.
- LIMA, Roberta E. F. N. Relações étnicas no alto rio negro: yanomamiperoipoyë os filhos da lua. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e cultura da Amazônia). UFAM. 2016.
- PEQUENO, Eliane da Silva Souza. "Mura, guardiões do caminho fluvial" Disponível em [HTTP://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/acessadoem20082016](http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/acessadoem20082016)
- RICCI, Magda. "Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840". Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02> Acessado em 01/03/2016
- ROJAS, Juciara. Artigo: O lúdico na construção interdisciplinar da aprendizagem: uma pedagogia do afeto e da criatividade na escola. UFMS: Mato Grosso do Sul, 2001.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: técnica e tempo. razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec. 1999.
- STEPHANOU, Luiz; MULLER, Lúcia H. ; CARVALHO, Isabel C. de Moura. Guia para elaboração de projetos sociais. Porto Alegre: editora sinodal e Fundação Luterana de Diaconia, 2003.
- STRAUSS, Claude Lévi. Antropologia Estrutural. 5ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1996.
- TOMAZI, Nelson D. Iniciação a sociologia. São Paulo: Atual, 1993.
- \_\_\_\_\_. OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; PERIM, Gianna Lepre (orgs). Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo tempo: da reflexão à prática, 2009.
- WEBER, Max. "Economia y sociedad". México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- WRIGTH, Robin M. "História Indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro". Mercado das Letras. 2005
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

## RESUMO

*O presente trabalho analisou os processos identitários e a multiculturalidade das populações do alto e médio rio Negro acompanhado de experiências colidas através de seu progresso histórico, mitos sagrados e relatos de experiências adquiridos na região. Com o transcorrer dos fatos evidenciou-se a importância em relação ao respeito às terras possuidoras de sítios sagrados e a preservação aos cultos tradicionais no transcorrer dos tempos, confirmando a importância do vínculo do homem à terra através da sintonia fina entre o natural e o sagrado deixando latente a condição necessária do processo de territorialidade e identidade nacional.*

**Palavras-chave:** Identidade. Rio Negro. Territorialidade.

# Publish Research Article

## International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

### Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

### Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal  
258/34 Raviwar Peth Solapur-  
413005, Maharashtra  
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com